

SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA



OS PRIMEROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

SUPER

INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),
João Luís Cardoso (coordenador científico deste número),
Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,
António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,
António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.

Consultora **Marta Ariño**
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.
A Super Interessante é uma publicação
registada na Entidade Reguladora
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

The first tools produced in Portuguese territory more than a million years ago

João Luís Cardoso

Abstract

The issue of pre-Acheulean archaic industries, or, to use more rigorous terminology, the Oldowan (name derived from the Oldowan Gorge in Tanzania), has a long history in Portuguese territory, with some of the findings made so far being somewhat uncertain, given the lack of radiometric dating of the respective sediments and of coeval fauna, which could contribute to establishing the chronology of the geological formations in question, which have not been preserved due to the geochemical nature of the terrain.

The following paragraphs will present a summary of the knowledge, identifying the main sites and associated artefacts, which constitute relevant elements for the critical analysis of the issue, based on the available observational data.

Keywords: prehistory; pre-Acheulean; Oldowan; Quaternary; Portugal

AS PRIMEIRAS FERRAMENTAS PRODUZIDAS NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

há mais de um milhão de anos

JOÃO LUÍS CARDOSO

Investigador-Coordenador convidado do ICArEHB
(Universidade do Algarve). Coordenador do
CEACO (Câmara Municipal de Oeiras)

A questão das indústrias arcaicas pré-acheulenses, ou, para utilizar terminologia mais rigorosa, do Olduvaiense (nome derivado da garganta de Olduvai, na Tanzânia), assume, no território português, um longo historial, revestindo-se alguns dos achados até agora realizados de algumas incertezas, dada a ausência de datações radiométricas dos respetivos sedimentos e de faunas coevas, suscetíveis de poderem contribuir para o estabelecimento da cronologia das formações geológicas em apreço, as quais não se conservaram em resultado da natureza geoquímica dos terrenos.

Nos parágrafos seguintes será apresentada síntese dos conhecimentos, com a identificação dos principais locais e artefactos associados, constituindo elementos relevantes para a análise crítica da questão, baseada nos dados de observação disponíveis.

O ESTADO DA QUESTÃO

O setor do território português que, até ao presente, forneceu informações mais relevantes, corresponde ao litoral da Estremadura, desde a região de Pombal, já na Beira Litoral, região que, a partir do final do Pliocénico ao início do Quaternário, conheceu evolução paleogeográfica representada pela seguinte sucessão cronos-tratigráfica, de há muito publicada pelo signatário:

- na base, correspondente ao início do movimento transgressivo marinho, observam-se conglomerados, logo seguidos de depósitos arenosos, lumachélicos, assentes em formações mesozoicas (Caldas da Rainha), ou já terciárias (Pombal). O conteúdo desta lumachela indica o início do Pliocénico Superior;
- na parte média da sucessão, a sedimentação, agora de características flúvio-ma-



Vista do desfiladeiro de Olduvai, na Tanzânia.



Serra do Bouro (Foz do Arelho). Lasca sobre seixo rolado de quartzito, lascado numa das faces ao longo de um dos bordos laterais recolhida *in situ* em depósito detrítico grosseiro calabriano ali aflorante. Fotografia de João Luís Cardoso.

rinhas, prossegue, correspondendo ao enchimento de uma vasta planície litoral de características deltaico-estuarinas. Os depósitos encontram-se desprovidos de fósseis, predominando areias finas micáceas, depositadas em ambiente de baixa energia, de planície litoral, que atingem algumas dezenas de metros de espessura máxima.

A parte superior deste complexo corresponde à deposição de materiais em fase já regressiva. Assim se explica a presença de turfas e lignitos, testemunhos de densa cobertura florestal em ambiente pantanoso e lacustre, com drenagem deficiente, embora atingida, ciclicamente, por descargas torrenciais violentas, correspondentes a sedimentos muito grosseiros e mal calibrados. Este episódio foi considerado ou do final do Pliocénico ou já do início do Quaternário;

- o terceiro e último termo da sucessão encontra-se representado por areias grosseiras com passagens conglomeráticas, com pequenos seixos de quartzito, achatados e bem rolados, com a forma de amêndoas. Representam nova fase transgressiva, sobre os depósitos anteriores, que culminou à altitude atual (não necessariamente a original) de cerca de 200 m, correspondendo a plataforma vasta e regular, delimitada do lado oriental pelos contrafortes da serra dos Candeeiros (plataforma de Aljubarrota). Representa, provavelmente, a primeira fase transgressiva quaternária. Estes depósitos têm equivalente para sul em pequenos retalhos detríticos, cartografados na região a norte da serra de Sintra, a altitudes culminantes próximas dos 200 m.

Na serra do Bouro, no litoral, em corte da estrada nacional a norte de Foz do Arelho recolheu o signatário uma lasca, sobre seixo de quartzito, que é inquestionavelmente trabalhada em boa parte da sua periferia, que jazia no depósito detrítico grosseiro calabriano, de seixos de quartzito e de quartzo bem rolados a cerca de 160 m de altitude.

Mais a sul, ocorre retalho de características semelhantes, em Seixosa (Encarnação, Mafra). Em corte existente junto ao cemitério da povoação, foram recolhidas *in situ*, na cascalheira de seixos de quartzito e de quartzo, a cerca de 150 m de altitu-



Serra do Bouro (Foz do Arelho, Óbidos). Corte nos depósitos detríticos calabrianos, no local onde se recolheu a lasca afeiçoada reproduzida na Fig. 3. Fotografia de João Luís Cardoso.

Seixosa (Encarnação, Mafra). Corte nos depósitos detríticos calabrianos, no local onde se recolheram diversos seixos afeiçoados rolados após o talhe. Fotografia de João Luís Cardoso.

de, numerosos exemplares sobre seixos, que foram considerados como intencionalmente talhados. Com efeito, utilizando os critérios vigentes, os tipos de talhe mais elaborados segundo a classificação de Pierre Biberson (série II. 4 em diante) encontram-se representados por 13, de 37 exemplares recolhidos.

Tanto as indústrias da África Oriental, como as marroquinas, com as quais estas produções líticas podem ser comparadas, consistem igualmente em seixos trabalhados por um número variável de levantamentos, cuja posição na peça e respetivo número parece não dever ser excessivamente valorizado, tendo em vista a constituição de uma tipologia, como a proposta por Hélène Roche em 1980. Com efeito, no estado atual dos conhecimentos sobre tais indústrias, parece forçado o estabelecimento de uma tipologia morfológica ou funcional.

Indo ao encontro da opinião de François Bordes, segundo a qual a estabilidade de formas apenas aconteceu no decurso do Acheulense, com a emergência do «biface», aquela autora concluiu: «on peut alors parler de standardisation dans les gestes, et non dans les formes».



Seixosa (Encarnação, Mafra). Seixo afeiçoado truncado numa das extremidades por diversos levantamentos, rolado após o talhe recolhido *in situ* nos depósitos detríticos calabrianos. Fotografia de João Luís Cardoso.



Alto de Leião (Oeiras). Seixos afeiçoados rolados após o talhe compatíveis com depósitos calabrianos presentemente desaparecidos pela erosão. Fotografia de João Luís Cardoso.

É deste modo que se encontra justificado o termo «Pré-Acheulense», no qual cabem as indústrias arcaicas sobre seixos, núcleos ou lascas deles obtidas. De igual modo, o termo Olduvaiense, que deverá ser preferencialmente adotado, refere-se a uma etapa do talhe da pedra, que corresponde, no nosso território, a intervalo entre cerca de 1,2 MA e o alvorecer das indústrias acheulenses, em época anterior a 0,5 MA, igualmente representadas por instrumentos sobre seixos lascados ou sobre lascas trabalhadas, afigurando-se estas com trabalho mais evidente, como adiante veremos.

A época da descoberta da Seixosa, na segunda metade da década de 1970, foi fértil em outros achados na mesma região litoral da Estremadura, mercê de programa orientado e metodicamente levado à prática. Assim foi o caso da descoberta da jazida do Alto de Leião (Paço de Arcos, Oeiras), situada em plataforma detrítica residual, também a cerca de 150 m de altitude, presentemente quase totalmente apagada pela erosão e sobretudo pela forte ocupação antrópica daquele espaço do concelho de Oeiras, especialmente evidente nas três últimas décadas. Os seixos de quartzito, intactos ou trabalhados, em ambos os casos com rolamento marinho, dispersavam-se à superfície de solos basálticos, correspondendo ao resíduo de coberturas detríticas hoje quase totalmente desaparecidas na região. Os seixos trabalhados, se bem que de exclusiva recolha superficial, ostentam rolamento pela água sobre as superfícies lascadas. Sendo evidente o lascamento intencional que alguns dos seixos ostentam, ao longo de um dos bordos laterais ou em uma das extremidades, o Alto de Leião foi incluído no conjunto das estações pré-acheulenses. Pela própria posição culminante dos restos destes antigos depósitos marinhos, o rolamento exibido por tais artefactos não poderá ter outra origem que não a ação do mar calabriano.

Mais a Sul, avultam as jazidas da Península de Setúbal que, a par da serra de Bouro e da Seixosa, possuem elementos de natureza estratigráfica suscetíveis de proporcionar uma datação geológica, por via da recolha de alguns exemplares *in situ*, especialmente na Quinta do Perú. Trata-se de exemplares em que uma das extremidades ou um dos bordos laterais foi truncado por múltiplos lascamentos contínuos, por vezes de talhe bifacial.

Como os anteriores, trata-se de pequenos seixos achatados de quartzito, igualmente recolhidos em leitos conglomeráticos interestratificados em sedimentos arenosos grosseiros, de caráter litoral, que correspondem à chamada Formação de Belverde. Pelas características sedimentológicas e pela estrutura da sua deposição no terreno, estes depósitos formaram-se, do ponto de vista paleogeográfico, em vastas praias arenosas, formadas na confluência de dispositivo flúvio-deltaico, correspondente a um paleo-Tejo, francamente aberto ao Oceano. Tendo presente o movimento de subsidência que caracterizou a península de Setúbal no decurso do Quaternário, tais depósitos, até pelo seu peso próprio, sofreram posteriormente assentamentos significativos, o que explica as altitudes máximas de 110-120 m a que hoje se encontram, mas que, primitivamente seriam semelhantes às que correspondem aos depósitos litorais referidos, em torno de 150 m. A Formação de



Quinta do Perú (Sesimbra). Seixo afeiçãoado rolado após o talhe a partir de ambas as faces, recolhido nos depósitos calabrianos da Formação de Belverde. Fotografia de João Luís Cardoso.



Quinta do Perú (Sesimbra). Corte nos depósitos detriticos calabrianos, no local onde se recolheram diversos seixos afeiçãoados rolados após o talhe representados na figura da pág.15. Fotografia de João Luís Cardoso.

Belverde pode ser, deste modo, reportada igualmente ao movimento transgressivo do Calabriano, situado no início do Quaternário.

Sobre a Formação de Belverde, sendo, portanto, mais moderna do que esta, desenvolve-se espessa série de arenitos vermelhos, com passagens conglomeráticas essencialmente constituídas por elementos de quartzo mal rolados; corresponde a depósito continental, formado em clima seco, com descargas detríticas grosseiras relacionadas com períodos de enxurradas violentas, a que foi dado o nome de Formação de Marco Furado. A respetiva idade, por critérios geológicos e pedológicos, não deverá ultrapassar o Vilafranquiano Médio, segundo Teresa Azevedo, entre 1 e 1,5 MA (Milhões de Anos).

Uma grande lasca alongada de quartzo, recolhida *in situ* num destes leitos detríticos grosseiros, que se encontrava exposta em corte junto do cemitério do Vale da Amoreira (Moita) conserva uma das faces ocupada pelo plano de separação, com bolbo e plano de percussão cortical, na base, sendo a outra face igualmente ocupada por extensa superfície de separação, possuindo retoques num dos bordos laterais. Trata-se, pois, de um artefacto de intencionalidade inquestionável. Este



ASC



ASC

Vale da Amoreira (Moita). Pormenor de corte observado junto ao cemitério da Formação de Marco Furado, observando-se leito sub-horizontal constituído por seixos de quartzo mais ou menos rolados, entre os quais jazia a lasca longa afeiçãoada, visível ao centro da fotografia sobre a escala, representada na figura acima. Fotografia de João Luís Cardoso.

Vale da Amoreira (Moita). Lasca longa obtida de um seixo rolado de quartzo filoneano, recolhida *in situ* na Formação de Marco Furado. Note-se a presença do bolbo de percussão, na base do reverso da peça (imagem do lado esquerdo). Fotografia de João Luís Cardoso.



ASC

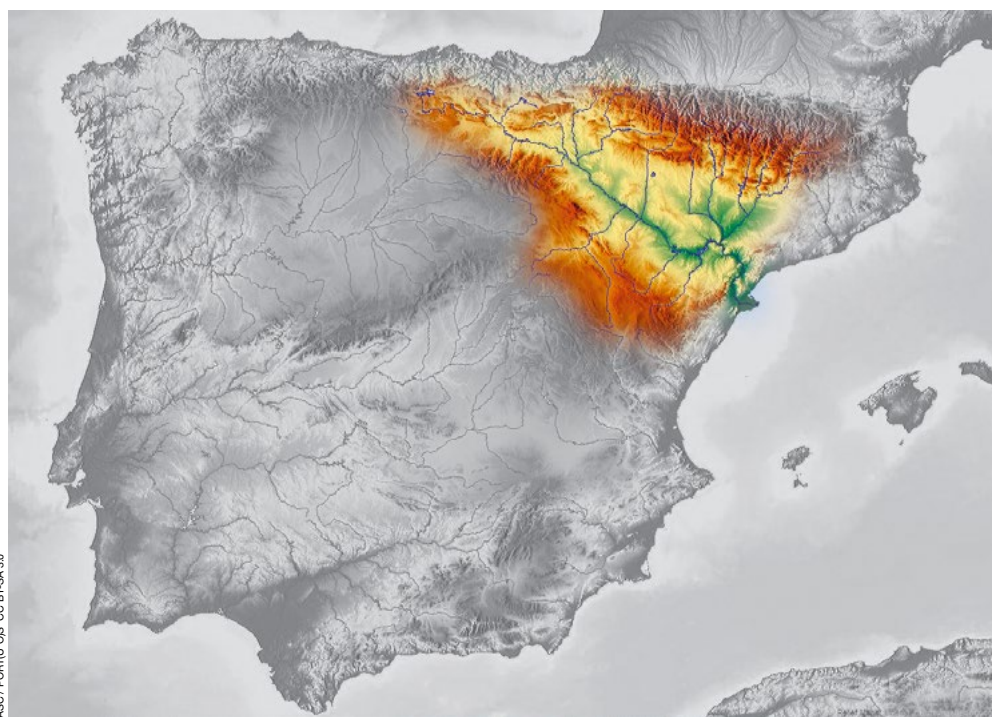
Vale da Amoreira (Moita). Recolha de amostras para datações radiométricas na Formação de Marco Furado, no mesmo local que forneceu a lasca afeiçãoada recolhida *in situ* representada na figura acima.

exemplar foi recolhido *in situ* em leito conglomerático da Formação de Marco Furado, junto ao cemitério, visível na fotografia realizada aquando da sua descoberta, por António Gonzalez.

Trabalhos de geocronologia absoluta presentemente em curso sob a direção do Prof. Pedro Proença e Cunha, da Universidade de Coimbra, apontam provisoriamente para a Formação de Marco Furado, uma idade entre 0,8 a 1 MA. Tal conclusão carece de confirmação com a datação absoluta do depósito correlativo do local de recolha do referido exemplar talhado, através da recolha de amostras para datação entretanto realizada.

DISCUSSÃO

Os elementos até hoje registados em território português e acima descritos nas suas linhas gerais sugerem a conclusão da existência de artefactos indiscutivelmente lascados, em especial os que se encontram associados a informação estratigráfica, com destaque para o exemplar da Serra do Bouro e a lasca do cemitério de Vale da Amoreira uma presença humana muito antiga, representada por instrumentos sobre lascas, em época em torno de 1,0 MA, no tocante a este último local, podendo ser mais antiga, entre 1 a 1,2 MA (Cardoso et al. 2023) no tocante à lasca recolhida na Serra do Bouro, proveniente de depósito mais antigo (cascalheira calabriana), sendo assim coeva dos exemplares sobre seixos de talhe muito simples, recolhidos na Seixosa, no Alto de Leião e na Quinta do Perú, de intencionalidade nem sempre evidente.



O *homo antecessor* pode ter-se deslocado ao longo do rio Ebro acima destacado (a Serra de Atapuerca fica perto da nascente).

Estas conclusões devem ser enquadradas nos conhecimentos adquiridos sobre as mais antigas presenças humanas em solo europeu e, em particular, na Península Ibérica. Entre os testemunhos mais antigos até agora identificados em solo peninsular, avultam os sítios de Venta Micena, com idade entre 1,6 e 0,9 MA e Atapuerca, entre cerca de 0,8 e 1 MA. Já há cerca de 30 anos, aquando do célebre congresso de Orce, em 1995, quando a polémica entre duas alternativas estava ao rubro, a «short chronology» por oposição à «long chronology», Gibert Cloles declarou o seguinte, nas atas publicadas em 1999: «Sin duda alguna la «Short chronology» há muerto, com todas sus variantes y redeondeos. Debemos trabajar ahora con la perspectiva de la «Long chronology» y la continuidad en la ocupación humana de Europa a partir de los 2 millones de años, o antes (...) postulamos que *Homo* sale de Africa a los 2,4 millones de años y coloniza: Europa por Gibraltar (y quizás también por Mesina o el istmo de Estambul), Oriente Medio (yacimiento de Yron, com 2,4 millones de años), Caucaso (Dmanisi) y Asia (Longgupo ?). Según esta hipótesis pueden encontrarse restos humanos en el Plio-Pleistoceno de Italia, de Grecia, de Rumania, de Turquía..., es decir, todos los países ribereños del Mediterráneo. Creemos también que hay una edad límite: la que coincide con la formación del género *Homo* y las crisis climáticas (de 2,6-2,4 millones de años).»

Trinta anos após estas conclusões, verifica-se que de facto o tempo e as novas descobertas deram razão a esta visão, então revolucionária de encarar as primeiras evidências do uso de utensílios em pedra, pois as mesmas foram significativamente recuadas, podendo datar segundo alguns autores entre 3.4 e 3.3 MA, em Dikika, na Etiópia, e em Lomekwi 3, no Quénia, seguindo-se várias jazidas, também na África oriental datadas a partir de 2.6 MA.



Diorama no Museu Nacional de Nairobi, retratando os primeiros homínídeos processando caça com instrumentos de pedra.

Neste mesmo sentido concorreram os dados entretanto obtidos em Atapuerca (Burgos). Com efeito, a existência ali de indústrias líticas arcaicas, sobre seixos e lascas, sendo estas predominantes, associadas a restos humanos anteriores a *Homo erectus* (o qual foi batizado de *Homo antecessor*) e a datação paleomagnética, anterior a 780 000 anos (limite mais recente para o período de polaridade inversa detetado no locus TD 6), faziam deste sítio, até ao início do século XXI, um dos mais antigos dos seguramente datados do território europeu, com exceção do extraordinário conjunto recolhido em Dmanisi (Geórgia), na fronteira entre a Europa e a Ásia e datado de cerca de 1,77 MA.

Mas a marcha dos acontecimentos é dinâmica e imparável e a antiguidade dos achados de Atapuerca foi, pouco tempo depois ultrapassada, igualmente no território peninsular, pelas jazidas de Barranco León e Fuente Nova 3, na bacia de Guadix-Baza, as quais ascendem a cerca de 1,2 MA. Ali se recolheram mais de uma centena de artefactos correspondentes a núcleos e lascas de pequeno tamanho, acompanhados por escassos seixos afeiçãoados. Importa registar estas informações, pois conferem mais segurança às conclusões anteriormente apresentadas relativamente à cronologia das estações do território português, cujos estudos prosseguem.

CONCLUINDO...

Em conclusão: as descobertas recentemente efetuadas na Península Ibérica, que vieram revolucionar o que até ao presente era geralmente admitido sobre a antiguidade da presença do género *Homo* em solo europeu, devem ser equacionadas numa envolvente geográfica mais alargada. Assim, o *Homo antecessor*, representado em Atapuerca, poderá representar, não o primeiro, mas o último elo de uma população europeia cuja presença teria de ser muito anterior. Tal hipótese, deverá manter-se em aberto, pois, nos termos em que ela deve, por ora, ser colocada, afiguram-se relevantes os sítios de Dmanisi, na Geórgia, no limite oriental do continente eu-



Serra do Bouro, junto à Foz do Arelho.

ropeu, e de Ubeydiya, no vale do rio Jordão, em Israel. Neste último, definiu-se uma sequência estratigráfica muito rica em indústrias líticas e em restos faunísticos, onde se misturam espécies africanas, asiáticas e europeias. Com base nas características da referida associação, a ocupação do sítio foi situada entre 1,4 a 1,5 MA. A presença de bifaces, ao longo de toda a sequência, mostra que o Acheulense, de clara origem africana, já então existia às portas da Europa, estando também presente no Norte de África (Casablanca) há pelo menos 1 MA.

A ausência de bifaces nas estações peninsulares da mesma época dá que pensar, permanecendo em aberto várias hipóteses: uma delas, explicaria a presença de indústrias arcaicas até época relativamente tardia pelo facto de ter havido uma penetração de origem norte-africana em tempos pré-acheulenses – pelos antepassados do *Homo antecessor*, admitidos por alguns – só voltando o continente a ser de novo colonizado em fase avançada do Acheulense. É no quadro da discussão desta possibilidade que o já referido sítio de Dmanisi adquire acrescida importância. O estudo dos notáveis restos humanos ali recolhidos permitiu, por outro lado, constatar as diferenças relativamente a *H. erectus* asiático ou a *H. heidelbergensis* (o *H. erectus* europeu) e a proximidade do morfotipo pré-*erectus* africano, representado por *Homo ergaster*. Quanto à indústria lítica, conhecendo-se atualmente mais de um milhar de peças, de onde se encontram ausentes os bifaces, e não existindo limitações à sua presença de ordem cronológica ou inerentes à natureza da matéria-prima disponível, é admissível atribuir a sua ausência a fatores culturais.

Em suma, no estado atual dos conhecimentos sobre o povoamento mais antigo da Europa, e da Península Ibérica em particular, parece aceitável uma aproximação das duas posições extremas, antes referidas: nem cronologias demasiado «curtas», como a de 500 000 anos, já contrariada pelos achados entretanto realizados, nem cronologias «longas» em demasia, da ordem dos 2 Milhões de Anos. É de admitir uma convergência em torno de 1,5 MA a 1 MA. detendo, neste âmbito, importância incontornável os sítios de Atapuerca TD 6 e de Fuente Nueva 3 e, porque não dizê-lo, dos sítios da Serra de Bouro e do Vale da Amoreira, no litoral do território português. É nesse sentido que presentemente se avança, com a datação direta dos depósitos onde se recolheram *in situ* exemplares indubitavelmente lascados, pois só assim será possível obter novas e mais completas conclusões, num futuro que se espera próximo. ■



Sítios em Portugal mencionados no texto.